



## **RACIST SPEECH IN BRAZIL: SOME REFLECTIONS FROM THE PRISM OF THE FIELD OF FRENCH LINE SPEECH ANALYSIS (AD)**

## **DISCURSOS RACISTAS NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES SOB O PRISMA DO CAMPO DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD)**

**Raquel do Rosario Silva**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGCL/UENF)

**Gabriela do Rosario Silva**

Doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGCL/UENF)

**Camila do Rosario Silva Barreto**

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

**Shirlena Campos de Souza Amaral**

Doutora em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro Bacharel e Especialista em Direito pela Faculdade de Direito de Campos

### **Abstract**

In the 21st century, the presence of several discursive manifestations with a racist content is still perceptible, which have, over time, endorsed the discrimination of black people, as well as reinforcing the structural racism, characteristic of Brazilian society. Thus, no matter how much speeches are used such as: “I am not racist”, how many times, in our daily lives, we hear or even make use of analogous expressions without realizing their gravity. In this sense, the present work aims to present, briefly, some phrases and expressions that are present in our vocabulary and that contribute to the reproduction of racist discourses, which go unnoticed in Brazilian society, but which do not fail to have effects. . The work in question is a qualitative research, of a bibliographic nature, based on authors such as: Almeida (2018), Freyre (1954), Nogueira (2006), among others. For the treatment of the corpus, some elements from the field of French Discourse Analysis (hereinafter AD) were adopted, based on theorists such as: Maingueneau (2013), Orlandi (1997, 2002, 2003) and Pêcheux (1997), due to of being one of the most coherent methodological instruments for the interpretation of the reality in question. As a result, we can mention that, from the racist expressions and speeches collected and mentioned in the present work, we noticed that, in Brazil, black people suffer discrimination because of their phenotypic traits, namely, the color of their skin, the and the structure of your hair, the shape of your nose and mouth, your gestures and your accents, among others.

**Keywords:** Speech analysis. Racist phrases and expressions. Structural racism in Brazil.

### **Resumo**

Em pleno século XXI, ainda é perceptível a presença de diversas manifestações discursivas com teor racista, as quais vêm, no decurso dos tempos, endossando a discriminação de pessoas negras, bem como reforçando o racismo estrutural, característico da sociedade brasileira. Assim, por mais que sejam utilizados discursos como: “eu não sou racista”, quantas vezes, em nosso cotidiano, ouvimos ou até mesmo fazemos uso de expressões análogas sem darmos conta de sua gravidade. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar, de forma breve, algumas frases e expressões que estão presentes no nosso vocabulário e que contribuem para a reprodução de discursos racistas, as quais passam despercebidas na sociedade brasileira, mas que não deixam de surtir efeitos. O trabalho em questão é uma pesquisa qualitativa, em caráter bibliográfico, fundamentado em autores como: Almeida (2018), Freyre (1954), Nogueira (2006), dentre outros. Para o tratamento do corpus, foram adotados alguns elementos do campo da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), embasados por teóricos como: Maingueneau (2013), Orlandi (1997, 2002, 2003) e Pêcheux (1997), em virtude de consistir em um dos instrumentos metodológicos bem coerentes para a interpretação da realidade em questão. Como resultantes, podemos mencionar que, a partir das expressões e discursos racistas coletados e mencionados no presente trabalho, notamos que, no Brasil, as pessoas negras sofrem discriminação por conta de seus traços fenotípicos, a saber, a cor da sua pele, a forma e a estrutura do seu cabelo, o formato do seu nariz e da sua boca, os seus gestos e os seus sotaques, dentre outros.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Frases e expressões racistas. Racismo estrutural no Brasil.

## **INTRODUÇÃO**

O Brasil é considerado um país multiétnico, isto é, composto por diversos povos que partilham diferentes aspectos culturais. Porém, as diferenças físicas e culturais de determinados grupos muitas vezes são utilizadas como rótulo qualificativo e indicativo de suposição de superioridade e de inferioridade. Como exemplo de tais rótulos, temos o racismo, o qual consiste na discriminação de seres humanos, embasado por características fenotípicas que são utilizadas para justificar a existência de uma dominação de um grupo sobre o outro.

O racismo em relação à população negra vem repercutindo desde o período da escravidão, que ocasionou inúmeras consequências para essa população, a qual foi largada à própria sorte após a abolição. O Estado brasileiro não estabeleceu e nem criou nenhum mecanismo para promover a inclusão social do negro, que permaneceu marginalizado e sem ser reconhecido como cidadão na sociedade.

O racismo está tão enraizado nas práticas sociais que, muitas vezes, a população não percebe as dimensões das suas consequências destrutivas para a sociedade. Desse modo, as práticas racistas continuam surtindo efeitos, por meio de brincadeiras e comentários implícitos que ofendem a aparência física da população negra.

Apesar dos avanços, debates e lutas contra as práticas racistas, o respeito à diversidade continua sendo uma das metas a ser alcançada em nosso país, pois, infelizmente, ainda, presenciamos na sociedade brasileira diversas formas de discriminação racial que promovem distinção, exclusão e segregação da população

negra. Esses tipos de discriminação ocorrem tanto de forma velada, por meio de ações e palavras que se manifestam de forma sutil e de difícil percepção, quanto de forma escancarada, por intermédio de insultos verbais e atos violentos.

Ante o exposto, o presente artigo tem como objetivo analisar, de forma breve, algumas frases e expressões que estão presentes no nosso vocabulário e que nos fazem reproduzir discursos preconceituosos, os quais passam despercebidos pela sociedade brasileira, mas que não deixam de gerar consequências.

Trata de uma pesquisa qualitativa, em caráter bibliográfico, que terá como arcabouço teórico artigos, revistas, sites, livros, dentre outros. Está fundamentada em autores como: Almeida (2018), Freyre (1954), Florestan (2008), Nabuco (2000) Nogueira (2006), Ribeiro (2019), dentre outros. Para o tratamento do *corpus*, adotamos alguns elementos do campo da Análise do Discurso (AD), amparados por teóricos como: Maingueneau (2013), Orlandi (1997, 2002, 2003) e Pêcheux (1997), em virtude de consistir em um dos instrumentos metodológicos bastante coerentes para a interpretação da realidade em questão.

Para tanto, o artigo está estruturado em duas seções: na primeira, fizemos um breve relato sobre a relação entre escravidão e racismo, de modo a evidenciar as suas consequências na sociedade brasileira. A segunda, por sua vez, está volvida à Análise do Discurso, de modo a interpretar os discursos racistas por trás de algumas frases e expressões preconceituosas que surgiram durante o período de escravidão, mas que, infelizmente, continuam repercutindo na sociedade brasileira.

## **1. A relação entre Escravidão e Racismo no Brasil: alguns relatos**

O Brasil foi o último País do continente americano a abolir a escravidão de pessoas negras. E, quando houve a abolição oficial, assinada em 13 de maio de 1888, a população negra foi largada à própria sorte, pois não houve a criação de nenhum mecanismo para inclusão social do negro na sociedade por parte dos governantes, o que ocasionou consequências dramáticas que se perpetuaram ao longo do tempo, pois com a ausência de direitos e mecanismos considerados fundamentais para a pessoa humana, como: educação, saúde, moradia e emprego, os negros não conseguiram refazer sua história, permanecendo, assim, à margem da sociedade. Segundo o sociólogo Florestan Fernandes (2008, p. 35):

Em suma, a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre os seus ombros a responsabilidade de se reeducar e de se transformar para corresponder aos novos padrões e ideais de ser humano, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo [...].

Assim, percebermos que escravidão foi muito além de uma questão econômica, pois deixou feridas que ainda não foram curadas em sua totalidade. Até hoje, em pleno século XXI, o racismo está presente na sociedade brasileira, surtindo efeitos tanto de forma implícita quanto de forma explícita. Ao olharmos criticamente a sociedade, verificaremos a presença de atos racistas nos estádios e campos de futebol, nas festas, nos *shows*, nas escolas e universidades, nas piadas e programas de humor, nas novelas e filmes, nas falas cotidianas, nos gestos e expressões, nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, nos espaços públicos e privados, dentre outros exemplos. Nas palavras de Joaquim Nabuco, em *O Abolicionismo* (2000, p.117):

Onde quer que se estude, a escravidão passou sobre o território e os povos que a acolheram como um sopro de destruição. Ou se a veja nos ergástulos da antiga Itália, nas aldeias da Rússia, nas plantações dos Estados do Sul, ou nos engenhos e fazendas do Brasil, ela é sempre a ruína, a intoxicação e a morte.

No cenário atual, as pessoas negras possuem pouca representatividade nas estruturas de poder, como no âmbito político, econômico, social e cultural, por exemplo. Essas pessoas sofrem diariamente com a exclusão do mercado de trabalho, do acesso a bens e serviços, do sistema educativo, da saúde de qualidade, dos espaços de lazer e da cultura. Para a autora Djamila Ribeiro (2019, p. 7):

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas.

No decorrer do tempo, evidenciamos a construção de estereótipos sobre o negro, que passou a ser visto, historicamente, como um ser inferior, impuro, defeituoso, com tendência à criminalidade e à marginalização, incapaz de progredir e evoluir nos aspectos intelectuais, emocionais e sociais. Esses estereótipos foram justificados por intermédio de elementos biológicos e religiosos, os quais contribuíram para a efetivação do racismo, a partir da ideia de superioridade entre as raças e a dominação de um grupo sobre o outro. (FERNANDES, 2010)

A ciência no século XIX contribuiu efetivamente para a construção ideológica que assumia a inferioridade dos negros, posteriormente, utilizada para explicar o atraso brasileiro rumo ao progresso e à modernidade. Entre os principais representantes dessa linha de pensamento que defendia a desigualdade entre as raças, temos o ensaísta Arthur Gobineau, com o argumento de que a mistura entre as raças resultaria em uma degeneração genética da raça considerada mais desenvolvida no Brasil, a saber, a branca. Para ele, existiriam três raças puras: branca, negra e amarela, sendo as demais variações resultados de uma miscigenação entre elas.

O ensaísta defendeu que a única solução para o país seria a purificação com o sangue europeu. Assim, com base nessa linha argumentativa, alguns pensadores, tais como, o antropólogo Raimundo Nina Rodrigues, o jurista e historiador Oliveira Viana e Silvio Romero passaram a defender o branqueamento da população brasileira como a solução para o desenvolvimento do país. Segundo Proença (2017, p. 148):

A ciência foi apoio e inspiração para construção ideológica que assumia a inferioridade dos negros. O francês Arthur de Gobineau defendia com veemência a desigualdade das raças humanas; esteve no Brasil de 1869 a 1870. Para ele, haveria a degeneração genética do Brasil em menos de 200 anos; para isso, a única saída seria a purificação com o sangue europeu; para a classe dominante, Gobineau era voz autorizada a justificar a escravidão. Disso nasceu a explicação segundo a qual o atraso brasileiro se explicava pela suposta inferioridade racial do povo e não do sistema escravista (CHIAVENATO, 2012, p. 153). No Brasil, Raimundo Nina Rodrigues assume esse ponto de vista. Além dele, Oliveira Viana e Silvio Romero (1851-1914) preconizaram o branqueamento como a solução racial para o Brasil [...].

A partir da década de 1930, desenvolveu-se uma nova perspectiva acerca da questão entre as raças. A ideia de que vivemos uma democracia racial, ou seja, uma “convivência harmônica” entre indígenas, negros e brancos, marcada pela miscigenação entre as raças. Essa teoria, que teve como principal expoente o sociólogo Gilberto Freyre, apresentou um caráter positivo das relações raciais no Brasil. Assim, esteve presente durante muito tempo dentro das próprias políticas governamentais de atendimento, reconhecimento e reparação histórica, o que impossibilitou o reconhecimento do racismo na sociedade mediante o fortalecimento da crença de que no país não haveria preconceito e nem discriminação racial. Tal teoria foi desconstruída pelo sociólogo Florestan Fernandes (2008), que afirmou ser a Democracia racial um mito que dificultou o progresso da população negra, servindo

apenas para justificar a sua inferior posição na sociedade brasileira. Para Silvio Almeida (2018, p. 63):

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro o discurso da meritocracia é altamente racista, vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos com a desigualdade racial.

Com isso, percebemos que a ideologia de que no país não há racismo, sustentada pelo discurso da meritocracia, tem como objetivo manter e ampliar a desigualdade social e racial ao culpabilizar os negros pelos seus próprios fracassos e posições no cenário brasileiro. Após a abolição, a população negra não teve as mesmas oportunidades e condições de acesso para desenvolver os seus talentos e habilidades. Isso porque a escravidão privou completamente a sua capacidade de competir em pé de igualdade com a população branca, principalmente, em uma sociedade extremamente competitiva, capitalista e preconceituosa.

Nesse sentido, a meritocracia se resume a um mito, pois não envolve apenas questões de esforço individual, mas também, igualdade de direitos e oportunidades. Em razão desses discursos, o poder público se eximiu das suas responsabilidades, ou seja, deixou de prover meios de acesso a direitos básicos para a população negra, como educação e saúde de qualidade, por exemplo. Almeida (2018, p. 38) ressalta que o racismo, no Brasil, é sempre estrutural, pois é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Nas palavras do autor:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. [...].

O racismo estrutural contra pessoas negras vem repercutindo desde o período da escravidão. Assim, está tão enraizado na sociedade que fica difícil identificá-lo. Desse modo, para combatê-lo, é necessário reconhecer que vivemos em uma sociedade que está estruturada no racismo, em que se favorece determinado grupo em detrimento do outro. Segundo, é investindo em políticas públicas, que visam promover a reparação histórica e a inclusão do negro em todos os espaços e estruturas, que conseguiremos reverter esse passado de injustiças.

## 2. Discursos racistas no Brasil: reflexão sob a ótica da Análise do Discurso

A escravidão trouxe consigo várias palavras e expressões de cunho racista que continuam reverberando na sociedade brasileira por meio de práticas conscientes ou inconscientes. Algumas soam de forma tão natural que fica difícil identificar a conotação racista presente em cada uma delas, pois, às vezes, aparentam um elogio, uma brincadeira, uma piada ou, simplesmente, uma fala cotidiana.

Contudo, é necessário combater tais práticas disfarçadas de brincadeiras e expressões populares que ofendem a aparência física dos negros, bem como os alocam em posições de inferioridade e de subalternidade, para que essas deixem de surtir efeitos. De acordo com Orlandi (2003, p. 20), “[...] as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentido que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós”.

Nesse sentido, apresentamos, a seguir, algumas frases e expressões preconceituosas que surgiram durante o período da escravidão; todavia, infelizmente, continuam repercutindo na sociedade brasileira. As frases e expressões presentes nesse artigo foram retiradas do *site* da *Revista Marie Claire*, divulgadas no ano 2019, e do Portal Geledés e LinkedIn.

### 1. “Você não é tão negra, né?”

*“Você não é tão negra, né?”*

*Essa necessidade de dissociar a pele negra da qualidade é uma tendência natural das pessoas que são vítimas ativas do racismo. Sim porque os brancos são as vítimas ativas do racismo e os negros são as vítimas passivas.*  
(Lucy Ramos, 36 anos, atriz)

Muitas pessoas acreditam que chamar alguém de negro ou de preto é ofensivo, pois associam tais cores de pele à situação de opressão e de escravidão, momento em que os descendentes de africanos escravizados se encontraram ao longo da história do Brasil. Assim, temos a negação da identidade negra por intermédio do discurso de que ser negro ou preto é algo negativo e ruim.

Mesmo a pessoa intencionando fazer um elogio, notamos um jogo de palavras com teor racista, o qual representa uma formação discursiva que descaracteriza os componentes do grupo populacional negro no Brasil, camuflando o preconceito racial, a partir de termos que fazem parte da teoria da miscigenação entre as raças, tais

como: morenidade, clareamento, branqueamento e outros artifícios de disfarces termos trazidos pelo sociólogo Gilberto Freyre na obra *Casa-Grande e Senzala* publicada em 1933.

Freyre (1954) acreditava que a morenização do Brasil, resultado da harmonia das relações inter-raciais, seria a solução para o problema negro brasileiro, inaugurando, assim, a teoria da democracia entre as raças, fato esse que o consagrou como o principal expoente da teoria da democracia racial, contribuindo com o rompimento das teorias racistas que vigoravam no século XIX, pois ao apresentar aspectos positivos da miscigenação, por meio de um convívio harmonioso entre as raças, fortaleceu a crença de que no país não haveria preconceito nem discriminação racial. Para o sociólogo, o Brasil seria uma sociedade na qual, em vez de discriminação e segregações raciais absolutas, haveria uma miscigenação por meio da mistura entre as raças.

De acordo com Maingueneau (2013, p.58), o discurso é uma organização situada para além da frase, pois mobiliza estruturas de uma outra ordem que as da frase. Assim, percebemos na frase acima a presença de uma formação discursiva de que ser negro é ofensivo por remeter a um além da frase, a um intertexto, a um texto anterior que caracteriza o negro como inferior. Por isso, utilizam outras palavras para fazer menção à cor preta ou negra, pensando em amenizar ou suavizar possíveis ofensas ou preconceitos em relação à cor.

## **2. Pensa que eu sou tuas negas?**

A expressão *“Pensa que eu sou tuas negas?”* é extremamente preconceituosa e machista, pois a mulher negra está sendo tratada e vista como um objeto, uma “mulher fácil”, “qualquer uma” ou “de todo mundo”. No período da escravidão, as escravas eram comparadas a um animal e, não a um ser humano. Eram vistas como objetos e consideradas propriedade dos senhores, os quais as violentavam, agrediam-nas e assediavam-nas.

Para entendermos o enunciado acima, temos que retomar o contexto histórico do Brasil referente ao período da escravidão em 1880. Nesse período, a escravidão ainda era considerada uma política vigente que permitia e tornava natural a compra de seres humanos, os quais eram tomados como objetos por seus “donos”. Quando

retornamos a tal período, estamos realizando as condições de produção em sentido amplo. Conforme Pêcheux (1997), o discurso vai além do que foi dito. Nesse sentido, durante a sua análise, é preciso levar em consideração o que tornou possível “[...] sua formulação e sua compreensão” (PÊCHEUX, 1997, p. 75).

### **3. “Cor do pecado”**

A expressão “Cor do pecado” aparenta um suposto elogio. Entretanto, temos a cor do corpo negro sendo associada ao pecado, isto é, como algo carnal, impuro, tentador e desejável. Guimarães (2012) ressalta que, na concepção eurocêntrica, o branco sempre esteve associado à cor da pureza, ao sucesso, à sabedoria e às virtudes do bem, enquanto o preto sempre esteve associado à cor do sinistro, do mal e aos defeitos. O Brasil é formado por uma sociedade pautada na religião. Assim, ter a cor da pele associada ao pecado é algo negativo.

Só compreendemos a frase acima quando saímos do texto – materialidade linguística – para entrarmos no discurso – efeitos de sentido que se constituem na relação entre a língua e a exterioridade. Na situação enunciativa, verificamos os efeitos de sentidos quando observamos o significado da palavra pecado, que está associada à maldade e à impureza. Nesse contexto, percebemos um discurso que evidencia uma articulação de forças entre religião e escravidão. Segundo Orlandi (1997, p.39), “[...] não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros [...]”. [...] Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

### **4. "Moço, você trabalha aqui?"**

"Moço, você trabalha aqui?"

É horrível a pessoa assimilar que eu sou o segurança só porque eu sou negro e alto. Eu sou DJ, a festa é minha, mas não é a primeira coisa que pensam. (Gabriel Barros, mais conhecido como Totonete, 25 anos, DJ e produtor)

O enunciado acima reverbera o imaginário social de que pessoas negras só podem ocupar cargos e ambientes de menor prestígio social. A população negra não pode ser vista sob a ótica de um olhar simplista e de subalternidade. Nesse sentido, não podemos considerar como “normal” esse tipo de imaginário, pois é devido ao

racismo estrutural que a grande maioria dessa população está presente em trabalhos precários e insalubres. Como o nosso sistema político e econômico privilegia pessoas consideradas brancas, as pessoas negras têm menos acesso à educação e às oportunidades, por isso, estão alocadas em trabalhos menos qualificados e mal remunerados. De acordo com Almeida (2018, p.57):

A permanência do racismo exige, em primeiro lugar, a criação e recriação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas à raça e, em segundo lugar, que a desigualdade social seja naturalmente atribuída à identidade racial dos indivíduos ou, de outro modo, que a sociedade se torne indiferente ao modo com que determinados grupos raciais detêm privilégios.

Na análise de discurso, além da materialidade linguística, também se considera os sujeitos e suas condições de produção. Assim, ao falarmos em condições de produção, estamos pensando tanto na situação imediata de enunciação quanto do contexto sócio-histórico que determina o dizer. Para Pêcheux (1997, p.75) “[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas [...]”. (PÊCHEUX, 1997, p.75), as quais deverão ser levadas em conta para a compreensão do processo de produção de sentido.

É por isso que no discurso acima, ainda, percebemos a presença do não dito, isto é, o que está implícito, o qual, ao ser desvelado, atua como complemento do dito. Por meio da Análise do discurso, subentende-se que o sujeito do discurso considera que toda pessoa negra ocupa espaços e empregos subalternos. Segundo Eni Orlandi (2002, p.106), “O implícito é o não-dito que se define em relação ao dizer”. Nesse sentido, podemos entender o que está dito na superfície textual como uma forma de interpretar outros discursos.

Além disso, percebemos também a construção de uma formação imaginária, que atribui à população negra um espaço de inferioridade em relação à população branca. Tanto as formações imaginárias quanto as condições de produções deixam suas marcas no dizer.

## **5. "Apesar de você ser negra, pelo menos tem os traços finos e o cabelo liso”**

A expressão "Apesar de você ser negra, pelo menos tem os traços finos e o cabelo liso” é extremamente preconceituosa. Temos uma oração subordinada concessiva. Esse tipo de oração expressa a ideia de uma exceção à regra. Isso porque

a locução prepositiva “apesar de” apresenta uma quebra de expectativa na frase, a qual revela um preconceito e o que realmente a pessoa está pensando.

Percebemos que o sujeito do discurso só considera bonito na pessoa negra os seus traços finos e o seu cabelo liso, não a cor da sua pele. Assim, esse tipo de enunciado só reforça a ideia de um tipo ideal de beleza, que está associado às características da pessoa branca.

Para entendermos o enunciado acima, temos que levar em conta as condições sócio-históricas para determinar o dizer. No período da escravidão, nos casos de fuga, por exemplo, os “donos” de escravos publicavam anúncios de busca com a descrição física mais apurada possível, a fim de permitir a identificação e a recuperação de quem tivesse fugido. Dentre as características físicas divulgadas, ressaltavam: os detalhes de nuances de cor da pele, a estrutura dos cabelos, as marcas de cicatrizes pelo corpo, a falta de algum membro, a cor dos olhos, o formato do nariz e da boca, dentre outras. Assim, desenvolveu-se, desde aquela época, uma terminologia de descrição da aparência ou traços físicos das características raciais dos indivíduos. Na atualidade, esse tipo de terminologia acabou promovendo estigmas e desvantagens para determinados grupos (PETRUCCELLI e SABOIA, 2013).

O sociólogo Oracy Nogueira (2006), ao comparar o Brasil aos Estados Unidos, verificou que existe uma diferença fundamental na natureza dos preconceitos observados nos dois países. No caso do Brasil, verificou um “preconceito de marca”, isto é, pelos traços fenotípicos, a cor da pele. Assim, a pessoa descendente de negros, mas branca na pele, é considerada branca no Brasil. Já no caso dos Estados Unidos, o autor verificou um “preconceito de origem”, isto é, que diz respeito à herança genética, ao sangue. Nesse sentido, são negras as pessoas que se originam de negros, mesmo que a cor tenha se alterado.

A fim de entender o enunciado acima, realizamos as condições de produção em seu sentido mais amplo, já que consideramos o contexto histórico do Brasil no período da escravidão. Ao apresentar as condições de produção do discurso, Orlandi (2002) apresenta duas divisões: a) as condições de produção consideradas em sentido estrito, que compreendem as circunstâncias da enunciação, o contexto imediato, o aqui-agora do dizer; b) e as condições de produção em sentido amplo, que são constituídas pelo contexto sócio-histórico.

Nesse sentido, notamos que, para pensar o discurso, devemos levar em consideração a relação da língua com a exterioridade, com a História, com os sujeitos em suas condições sócio-históricas. Segundo Orlandi (2003), os discursos são os princípios, os valores e os significados que estão por trás dos textos. Dessa forma, podemos dizer que o discurso é um dos níveis de sentido de um texto, é o espaço onde é possível identificar as relações entre o texto e o contexto que o produziu.

## **Conclusão**

A partir das expressões e discursos racistas mencionados, percebermos que, no Brasil, as pessoas negras sofrem discriminação pela sua aparência física, tais como: a cor da sua pele, a estrutura do seu cabelo, o formato do seu nariz e da sua boca, os seus gestos e sotaques, dentre outros.

Muitas vezes, as discriminações ocorrem de forma velada, o que impossibilita identificar a conotação racista existente em cada uma delas. Nesse sentido, é necessário combater qualquer tipo de comentário, frases e expressões que ofendem a aparência física dos negros, bem como os alocam em posições de inferioridade e de subalternidade. Para tal intento, elegemos duas estratégias: a primeira, é buscar informação para impedir a permanência desses discursos racistas na sociedade. A segunda, por sua vez, é respeitando e valorizando a diversidade cultural presente no país.

## **Referências**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 5.ed.- São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Viviane Barboza. **Educação e relações raciais:** percepções de alunos e professores de uma escola pública de São Carlos. 2010. 173 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/90270> Acesso em: jul.2022.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. – São Paulo: Cortez, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro da Folha de São Paulo).

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>&gt;. Acesso em: jul. 2022.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1997.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **O mecanismo do (des)conhecimento ideológico**. Tradução de Vera Ribeiro. In: ZIZEK, S. (Org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152. Tradução de: Mapping Ideology, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)** IN GADET, F. HAK, T. (Org.). Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. (Org.). Características Étnico-Raciais da População: Classificações e Identidades. 1. ed. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2013. v. 1. n.2. p. 208. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em: jul.2022

PROENÇA, Paulo Sérgio de. “Não sou racista, mas...”: motivações linguísticas e históricas da proverbial retórica à brasileira para a negação do racismo. **Revista África** (s), v. 04, n. 08, p. 141-155, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/african/article/view/4385>. Acesso em: jul.2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

## Sites visitados

<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/07/nao-parece-mas-e-racismo-20-frases-para-extinguir-do-seu-vocabulario.html>

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-59366676>

<https://pt.linkedin.com/pulse/racismo-estrutural-nossa-primeira-conversa-arthur-bugre>.